

Expedito Eloísio Ximenes
Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz
Sandro Marcío Drumond A. Marengo
Ticiane Rodrigues Nunes

LÉXICO E CULTURA EM DIFERENTES ABORDAGENS

Os contextos de comunicação são permeados por uma grande diversidade cultural que expõe os falantes a práticas de linguagem, muitas vezes, desconhecidas, mas reconhecidas como o patrimônio lexical que traz consigo as impressões das culturas das comunidades.

Na contemporaneidade, filólogos e linguistas têm chamado a atenção do meio acadêmico para a relevância dos estudos que se voltam para a diversidade léxico-cultural das línguas. Nesse sentido, investigar o léxico das línguas numa perspectiva cultural, nos atenta para a preservação e a divulgação das culturas, que, por sua vez, imprimem nesse léxico suas tradições, seus costumes, suas crenças, suas religiosidades, suas ideologias e seu modo de vida.

O nível lexical, frente aos demais níveis do sistema linguístico, é o que, de forma mais imediata, reflete a dinâmica da língua. Ao tomarmos a premissa de que língua, sociedade e cultura são campos indissociáveis, estamos afirmando que toda expressão linguística é um registro de visão de mundo, do conhecimento do universo, da realidade histórica e cultural e das diferentes fases da vida social de uma comunidade (FERRAZ, 2006). Assim, as relações do Léxico com questões culturais e sociais são inerentes ao próprio uso da linguagem.

Por meio do léxico, torna-nos conhecedores das tradições linguístico-culturais das sociedades onde vives os falantes (HAMPATÉ BÂ, 2010), sendo essas tradições passadas às futuras gerações por meio da escrita ou da ora-

lidade. O léxico vive e evolui com os falantes da língua, em meio aos fluxos sociais inerentes à sociedade desde os tempos pretéritos. Por seu turno, as comunidades linguísticas são dotadas da capacidade de constituir o patrimônio lexical que atende às suas necessidades comunicativas e traz consigo a herança cultural dos povos.

É com essa intenção que organizamos este dossiê temático da *Revista de Estudos de Cultura*, da Universidade Federal de Sergipe, com o propósito de divulgar a produção acadêmica de pesquisadores de várias universidades brasileiras e estrangeira, expondo discussões acerca do léxico e da cultura em diferentes perspectivas teóricas e metodológicas.

Sendo assim, este número compila catorze artigos que tratam desde a concepção de cultura, passando por estudos diacrônicos e analíticos do léxico numa perspectiva cultural, sobre os quais segue um breve resumo.

O artigo “Olhar antropológico sobre a cultura – construções mosaicas”, de Leandro Gomes, apresenta visões e construções acerca da cultura através dos tempos, de acordo com a perspectiva teórico-metodológica da Antropologia, com o propósito de desenvolver uma discussão sobre as concepções etimológicas e ideológicas da epistemologia do conceito de cultura. Por meio desse referencial, o debate desenvolvido pelo autor contempla ainda a polifonia de (re)construção da concepção de cultura, considerando a complexidade do termo com suas intencionalidades internas, externas, individuais, coletivas e instrumentais.

O segundo artigo, “O códice *Commentarium in apocalipsin* (1047) e sua característica linguístico-cultural”, de Carolina Akie Ochiai Seixas Lima, demonstra com as características linguístico-culturais presentes no códice latino *Commentarium in apocalipsin*, encomendado por Fernando I e Dona Sancha, reis de Leão e Castela, como o texto analisado foi um instrumento de poder e persuasão para difundir e relacionar o poder dos monarcas cristãos com os preceitos do texto bíblico do Apocalipse, de modo a induzir o povo a crer no poder divino de reis e rainhas. Por meio da análise das

iluminuras, a autora discute criticamente os aspectos linguístico-culturais que marcam as relações de poder existentes entre a monarquia cristã de Fernando I e D. Sancha e muçulmanos e judeus.

No terceiro artigo, “Esquema de ordenação de Hallig e Wartburg: uma avaliação de sua aplicação à análise lexical do português”, César Nardelli Cambraia aplica o esquema de ordenação de Hallig e Wartburg para a análise lexical do diário de Maurício Grabois, escrito durante a Guerra do Araguaia (1972-1973). Embasado nos fundamentos da lexicologia social de Matoré, Cambraia delimita uma hipótese de trabalho e seleciona, com o auxílio de ferramentas computacionais, os cinquenta itens lexicais mais frequentes no diário, com vistas a perceber se há uma correspondência desse léxico no esquema de ordenação de Hallig e Wartburg, provando que essa correspondência inexistente, pois cada cultura e cada época tem seu modo particular de organizar, ordenar e hierarquizar o seu patrimônio lexical.

Em “Unidades fraseológicas na obra *Cascalho* de Herberto Sales: uma breve discussão sobre os seus aspectos socioculturais”, de Antonio Marcos de Almeida Ribeiro, Liliane Lemos Santana Barreiros e Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz, os autores realizam uma análise sociocultural das fraseologias apresentadas na obra *Cascalho*, obra que retrata o léxico regional da Chapada Diamantina, na Bahia. Pautados no referencial teórico da fraseologia, os pesquisadores discutem o caráter sociocultural das unidades fraseológicas apresentadas nas falas dos personagens da obra, pois por meio dessas lexias é possível perceber ideologias, tradições e práticas que constituem o legado sociocultural da Chapada Diamantina.

Já em “As ofensas verbais na cultura estanciana do século XIX: um estudo sobre os processos-crimes do sul sergipano”, Sandro Marcio Drumond Alves Marengo, Augusto Petrônio Pereira, Mariana Augusta Conceição de Santana Fonseca e Marcos Mateus Campos Mota Nunes apresentam a edição semidiplomática de um processo-crime de ofensa de 1986, ocorrido em Estância- SE. Pautadas na Lexicologia Social, as análises discutem acerca dos itens lexicais usados como

ofensa versal e como esse léxico representa a violência da província de Sergipe no século XIX.

No sexto artigo, intitulado “*Negrinha*, coisa humana: o léxico referente às personagens Negrinha e Dona Inácia no conto de Monteiro Lobato”, Amanda Moreira de Amorim e Maria Helena de Paula realizaram uma análise lexicológica no conto *Negrinha*, com base na teoria dos campos lexicais. A observação do *corpus* permitiu a composição de cinco campos lexicais que reúnem lexias referentes às personagens Negrinha e Dona Inácia e que evidenciam as distinções sociais, étnicas e culturais presentes no conto.

No artigo “Oxumaré e Xangô: a influência religiosa na substituição dos topônimos das ruas do bairro Jardim Sucupira em Feira de Santana-BA”, Natália Oliveira Nascimento e Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz desenvolvem uma discussão acerca da substituição dos topônimos feirenses originados das religiões de matrizes áfricas. A partir da seleção de dois topônimos, as autoras concluem que essa substituição assume um caráter de apagamento da cultura negra por meio da renomeação dos espaços com topônimos que remetem a outras culturas.

“O léxico médico nos processos-crime de defloração”, de Natália Larizza Sanches de Souza, Soraya Carvalho Souza Biller Teixeira, Rafaela Neres de Oliveira e Deyvison Moreira Santos, apresenta a edição filológica de dois processos-crime de defloração ocorridos em 1893 e 1902, respectivamente, em Aracaju-SE. Depois da edição, é realizado o estudo terminológico do léxico médico presente nesses documentos, enfatizando o caráter social, histórico e cultural do léxico empregado pelos médicos na produção dos autos do processo.

No nono artigo, “A cultura do couro no Ceará: um estudo do campo lexical do seleiro”, Ticiane Rodrigues Nunes e Expedito Eloísio Ximenes investigam o léxico do artesão seleiro na perspectiva sociocultural e com a utilização da teoria dos campos lexicais. Os autores constituem o campo lexical cultura do seleiro a partir do *corpus* coletado em pesquisa etnográfica e discutem

acerca das relações semânticas responsáveis pela estruturação do campo, de modo a enfatizar os aspectos linguístico-culturais expressões por meio do léxico do seleiro.

“O campo lexical da política e a criação neológica em textos jornalísticos publicados na Revista *Veja*”, de Elisângela dos Santos Silva Ribeiro, Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz e Liliane Lemos Santana Barreiros, busca refletir sobre a dinamicidade da língua por meio dos neologismos observados na Revista *Veja*. As autoras realizam uma análise dos neologismos para a delimitação do campo lexical da política em reportagens veiculadas em 2016, de modo a comprovar como o campo lexical da política amplia seu repertório lexical através das inovações lexicais de seu domínio discursivo.

Já no artigo “Derramamento de águas aos cântaros: um estudo léxico-semântico do vocabulário judaico em textos inquisitoriais do século XVI”, Ana Claudia de Ataíde Almeida Mota descreve, de acordo com a perspectiva léxico-semântica, os vocábulos presentes no *Primeiro livro de Reconciliações e Confissões da Visitação do Santo Ofício à Bahia*, de modo a constituir os campos semânticos e conceituais do léxico das culpas no âmbito do judaísmo. O léxico delimitado permite observar que as relações léxico-semânticas inventariadas são estabelecidas não apenas por elementos linguísticos, mas também extralinguísticos, divulgando, assim, as práticas do judaísmo.

“Toponímia e ambiente físico: a nomeação de comunidades rurais do sertão nordestino”, de César Néri Santos, descreve e analisa os topônimos do município de Pariconha-AL, desenvolvendo uma análise toponímica dos registros fotográficos de uma pesquisa de campo, que relaciona a linguagem, a cultura e a geografia física para compreender como, de acordo com a classificação de Dick, os topônimos rurais de Pariconha-AL têm a sua nomeação motivada pela geografia natural do município. O autor conclui que a análise toponímica revela o caráter interdisciplinar dessa ciência, pois envolve aspectos linguísticos, geográficos e sócio-históricos imprimidos no léxico estudado.

O artigo “O léxico toponímico pela via filológica: o entrecruzar de língua, cultura e história”, de Bárbara Bezerra de Santana Pereira, desenvolve uma discussão em que reflete sobre a relação entre língua, cultura e história. Essa reflexão é baseada na análise filológica dos topônimos encontrados nas atas da câmara de vereadores de Tucano- BA (1987-1876), em que há uma diversidade desses topônimos, em consonância com a classificação de Dick (1990).

E o último artigo, intitulado “Marcas de inabilidade na escrita alfabética do escrivão jacobinense: um estudo sócio-histórico diacrônico”, de Luzineide Vieira de Sousa, realiza uma análise diacrônica dos desvios de escrita apresentados na redação de uma carta oficial de 1893, manuscrita por um escrivão da então vila de Jacobina-BA, que caracterizam a inabilidade do escriba para a produção de textos. No *corpus* analisado, a autora destaca como marcas de inabilidade os elementos supragráficos e paleográficos, a segmentação gráfica, a repetição, os aspectos de aquisição da escrita e os fenômenos fonológicos; e conclui que essas ocorrências são influências do português popular brasileiro nos escritos da época, o que evidencia também a inabilidade do escrivão, pois são característicos do processo de aquisição da escrita.

Com esse conjunto de textos abordando o estudo do léxico e da cultura fortalecemos cada vez mais a área,

a Revista de Estudos de Cultura contribui para o fortalecimento da área no Brasil, evidenciando que a linguagem é inquestionavelmente um instrumento que revela a cultura de um povo ou de indivíduos por meio de lexias, que, por sua vez, são janelas que permitem ao pesquisador adentrar e percorrer os labirintos da história, das vivências, das práticas e dos comportamentos de uma sociedade.

Boa leitura a todos!

Organizadores do dossiê léxico e cultura:

Prof. Dr. Expedito Eloísio Ximenes (UECE)

Profa. Dra. Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz (UEFS)

Prof. Dr. Sandro Marcio Drumond Alves Marengo (UFS)

Profa. Dra. Ticiane Rodrigues Nunes (UECE)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERRAZ, A. P. “A inovação lexical e a dimensão social da língua”. In: SEABRA, M. C. O léxico em estudo. Belo Horizonte: UFMG, 2006, p. 217- 234.

HAMPATÉ BÂ, Amadou. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph (Ed.). História geral da África I: Metodologia e pré-história da África. 2. ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010. p. 167-212.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. A motivação toponímica e a realidade brasileira. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990.